A ARTE E A VIDA

MÁRIO FERREIRA DOS SANTOS

A ARTE E A VIDA

LIVRARIA E EDITÔRA LOGOS LTDA.
Praça da Sé, 47 - Salas 11 e 12
Fones: 33-3892 e 35-6080
SÃO PAULO

1.ª edição — maio de 1959

ÍNDICE

Queremos aquí tão sòmente fixar um dos ângulos da obra do fino ironista, o homem que se burla e tem burlado de tudo, mas que também com sua ironia e seu humor, causticou os homens, analisando as suas instituições, examinando as suas esperanças e procurando, também, responder algumas das

suas mais exigentes perguntas.

Para muitos, Shaw observou tão sòmente o lado vulnerável das coisas e das idéias. Para êle nada há de sagrado nem digno de respeito.

Em rápidos aforismos, em frases sôltas, lança a condensação de idéias que germinaram depois de longamente ruminadas em seu cérebro prodigioso.

"Man and Superman" é mais que comédia, é filosofia. É a filosofia de Don Juan,

escondida atrás de Mr. John Tanner, tradução de Juan Tenório. Não é Don Juan "um herói sem finalidade", que tem tôda sua alma na periferia sem ser frívolo, que busca sòmente a satisfação dos seus desejos. É o anunciador de uma nova era e de uma nova humanidade. Com essa peça Shaw contribui para responder uma das mais exigentes perguntas do homem: que virá depois de *tudo isto?*

Aquêle personagem estra*nho*, que é Mendoza, quando

exclama: ..."há duas tragédias na vida: uma é não atingir os desejos do coração, outra é atingí-los...", é uma maravilhosa condensação de tôda a tragédia humana.

Shaw proclama-se um "revolucionista" não pròpriamente um revolucionário. Êle não acredita na filosofia de um Bakunine, que vê na "destruição o germen da construção." Êle prefere construir, transformar. Prefere a evolução mais rápida, não pelo choque que destrói

e derruba, mas pela passagem das escalas. Quer a transmutação das partes e não o perecimento de uma das partes. Êle mesmo não acredita na revolução, quando afirma que elas nunca evitaram o pêso das tiranias. Para êle, revolucionário é ser cético e não realizar movimentos sangrentos ou arremessar bombas. Shaw quer contribuir para uma transformação humana evolutiva, mais rápida.

É nietzscheano, embora nunca afirme o parentesco

das suas idéias com o grande pensador alemão.

Acredita na vinda do Super-homem. Êle afirma essa possibilidade.

E diz mesmo: "...e chegaremos a encontrar a maneira de produzi-lo, graças ao velho método dos ensaios e dos erros, e não esperando que se produza ou chegue a dar-se com uma fórmula completa dos ingredientes que sejam necessários para a sua formação."

Prega o socialismo do homem, não o socialismo das

coisas do homem. Ridiculariza os sonhos, as utopias, mas cria um sonho e uma utopia. O seu "Manual do Revolucionista" é uma síntese política da obra de Nietzsche. Há frases que pertencem a êle, e Shaw presta através das suas obras "Major Barbara" e "Man and Superman" uma homenagem ao grande pensador do século passado, cuja obra está situada nêste século, e cujas conseqüências só agora começam a se manifestar de maneira empolgante e viva.

E presta essa homenagem, não proclamando a obra do grande pensador, mas filiando-se ao número dos seus discípulos.

Mas Nietzsche uma vez disse: "Mal corresponde ao mestre aquêle que nunca passe de discípulo..." Shaw, guiando-se pelos caminhos indicados por Nietzsche, procura ultrapassá-lo, tentando alcançar mais distante.

Shaw corresponde assim bem ao Mestre.

O RELÓGIO

"Eu digo as horas..." como se o relógio falasse a linguagem do tempo. Foi o sol quem primeiro marcou as horas. Ou melhor, foi o homem quem compreendeu a linguagem do tempo pelo sol. O relógio sofreu através dos tempos a sua evolução pitoresca. Dos *gnomons* chinêses, das clepsidras egípcias,

da ampulheta antiga, dos relógios de pêso, das pêndulas, das montras e dos cronômetros, ao relógio eletrônico há uma história, há uma evolução, não só material, técnica, mas também psicológica. O homem viveu as quatro partes do dia: madrugada, manhã, tarde e noite. Marcava o tempo pelo sol, marcava o tempo pela luz. Foi o seu primeiro relógio. Josué, na batalha da Gabaon, quando parou o sol, pensou que parava o tempo. Porque o tempo era o sol, e o sol era o

tempo. O homem ainda hoje vive, nas regiões campestres, quatro horas: madrugada, manhã, tarde e noite.

Nas pequenas cidades, vive vinte e quatro horas, e nas cidades médias, vive mil quatrocentos e quarenta minutos. E em Nova York, Londres, Paris, Berlim, São Paulo, Chicago, vive os segundos, vive oitenta e seis mil e quatrocentos segundos.

Um escravo do tempo, escravo das quatro horas, escravo das vinte e quatro ho-

ras, escravo de pouco mais de um milhar de minutos, escravo de oito dezenas de milhares de segundos...

O tempo tem sido o maior inimigo do homem. Destrói as suas obras, destrói a sua verdade. É o grande devorador de verdades...

Seria banal dizer-se que nada do homem perdura ante êle. O tempo destrói tudo, só não destrói a si mesmo.

A circulação interior nos dá a sua idéia. É um dado apriorístico, mas subjetivamente podemos nos esquecer

dêle, quando dormimos, ou nos estados de euforia.

Medimos o espaço com o tempo, mas com o tempo não temos a idéia do espaço. Como poderíamos relacionar, porém, a lei da gravidade com o tempo? Para muitos êle é um símbolo sonoro. E para determinarmos a sua direção, precisamos do espaço. Não separamos o espaço do tempo, e como separar o tempo do espaço? Nós somos o tempo. O homem começou a dominar o universo, quando teve a primeira noção do

tempo. Depois Einstein, Minkowsky o dominaram. Criaram quantidades imaginativas de tempo, criaram o tempo absoluto, o tempo negativo, o tempo zero, menos que zero... Domínio do homem sôbre o tempo, o seu senhor... E nem por isso êle deixa de destruir o homem, porque é contínuo.

Marcamos e limitamos o ilimitável. Supremo criador e destruidor de tôdas as coisas.

Mas como concebê-lo sem o espaço? "O nada através

do tempo..." é chocante pelo absurdo. Existe onde há espaço. Mas, com dizermos que tôdas as coisas estão no espaço e no tempo, não dizemos tudo... O relógio quando marca as horas não marca o tempo. Marca uma impressão morta do tempo, porque êste flui.

E se para nós possui uma influência importante, para os antigos nada ou quase nada significou. Que é o tempo para o hindu? E o valor das horas, dos minutos e dos segundos na nossa vida de

hoje, em que as notícias se atropelam?

Os acontecimentos são vertiginosos. Uma hora envelhece um acontecimento nos momentos de grande crise psicológica, de ansiedade expectante: Agosto de 1914, setembro de 1938, Agosto de 39, junho de 40 e 41... Não pode o homem de hoje ser simbolizado com um relógio na mão e de olhos voltados para o seu mostrador?

OS NÔMADES DA METRÓPOLE

A agricultura diferencia o homem de sua primitividade. A sedentarização do homem torna a natureza de hostil em amiga.

Nasce daí tôda uma seqüência de novos sentimentos e perspectivas que lhe plasmam uma nova psicologia.

Os horizontes comprimem-

-se. Fatôres novos, quase misteriosos, começam a interferir. A transformação das coisas que ela agora assiste de olhos maravilhados, o desenvolvimento dos seus músculos superiores, transformam-lhe a fisionomia e a própria alma.

Brota uma nova religião da terra, cheia de complexos, e o homem abandona o simplismo das ideologias dos povos caçadores. Aumentam-lhe os instintos de defesa em vez de ataque, e a universalização do homem so-

brevém porque êle começa a sentir-se parte da natureza, parte da paisagem que o acompanha e que o completa.

Sedentarizando-se, o homem estira o olhar para as distâncias cósmicas. Procura nos espaços, na regularidade das estações a resposta a uma nova série de porquês que vão surgir em sua mente. E o "vir-a-ser" de uma cultura brota da terra, como as plantas que o homem aproveita. Essa cultura afirma a terra. As civilizações que vêm posteriormente negam-

-na. Instauram-se sob um signo inteiramente anti-vegetal. O homem das civilizações já não é mais o aldeão sedentário.

É o nomade das grandes metrópoles. As casas que antes formavam parte da paisagem, como na cultura chinesa primitiva, já negam a terra. Inverte-se a arquitetura. Há no homem das metrópoles um regresso aos pastores e aos caçadores. Êste já veste o seu corpo de uma indumentária mais leve, menos agressiva, menos defen-

siva. Necessita de leveza nos movimentos. Restringe a sua visualidade, e nega as tranformações que os seus olhos já não assistem.

Uma nova alma começa a nascer nessas cidades. O aldeão não pode senti-la, e estranha-a. Revolta-se, e a sua revolta é surda, sua incompreensão é cheia de silêncios desconfiados. Não compreende o seu "gôsto" nem a sua "moda", porque os seus passos não andam no mesmo ritmo. E, por isso tudo, emudece.

Daí porque os movimentos partidos do campo, quando não assumem a fisionomia do desespêro, têm a serenidade pôdre do silêncio.

E enquanto o aldeão guarda, conserva, nas metrópoles reforma-se.

O homem dessas metrópoles não afirma mais, nem nega. Prefere um agnosticismo prudente. Prefere o sorriso que dissimula ou a revolta que destrói.

É nas cidades que o dinheiro assume as proporções de um deus.

As coisas só têm o valor que o dinheiro dá. Dissolvem-se nelas os velhos sentimentos, as tradições morais do campo. Essas grandes metrópoles, incrustadas nas grandes épocas da humanidade, dominam os espíritos, ditam as leis. Forma-se nelas uma mentalidade de superficial superioridade. Elas não sugerem mais, impõem.

Tudo o mais para elas é província e província é o homem da planície, pois elas são a montanha, o vértice. Mas é dentro dessas cidades

que as culturas morrem. Elas são símbolos de morte. A vida, que se agita nas suas ruas, é como a dos vermes que se movem no silêncio dos sepulcros.

O SÍMBOLO DO AMANHÃ

A cidade adormecia de silêncio, e Pitágoras comigo pelas ruas me dizia:

— A noite é uma interpretação do "sepulcrum romanum" de Mussorsgsky. Há um silêncio sepulcral de catacumbas, assim como um bailado egípcio de sombras enegrecidas de trevas. Mas os tacões das nossas botinas

batem um compasso misterioso e as nossas palavras formam um côro de fantasmas. E me apontando à luz amarela de um lampeão disse: Que faz aquela luz ali? Uma intrusa nessa noite, debochada a poluir as trevas. Tenho mêdo que algum auto busine por uma dessas ruas e desperte o silêncio e lamba as trevas com êsses faróis intoleráveis.

A gente às vêzes tem fome de silêncio. E, numa noite dessas, num lugar assim, onde sòmente um cão late meio

distante, e as ruas estão dormindo, há uma penetração maior dentro de nós. Uma entrevista conosco mesmo, com nossa alma, com nossos grandes silêncios interiores, entrevista que nos ajuda a compreender e a fazer confidências.

O silêncio é um grande estimulante. Por isso nas igrejas a gente se sente tão conosco mesmo, e é por isso que, naquele silêncio nobre, despertam-se muitas vêzes ânsias apostolares.

A gente é um conjunto de

pedaços de outros sêres, de antepassados, e há dentro de nós as grandes vitórias e as grandes derrotas subjetivas. Tenho vontade às vêzes de escrever um livro. A história de um homem amante das sombras, um homem inatual, um homem que fuja das relações de tempo e de espaço e que seja só na multidão. Um homem que beba a sua vida pelo seu copo e que se ponha além do sentimento, além do instinto, muito além do bem e do mal. Um homem que seja quase um deus

e que queira ser o seu próprio destino. E êsse livro eu ofereceria a todos aquêles que passam pela vida anônimos, silenciosos, abatidos ante a derrota de ser só, para aquêles que levam dentro de si tôda a tragédia subjetiva do seu grande fracasso... Assim como eu... — ajuntou num tom de voz mais doloroso, mas suave.

Êsse personagem não seria sòmente dôr e sòmente sofrimento.

Haveria nêle resplendores de alegria imortal e profun-

da. Haveria lá dentro, também, da sua alma, luzes imensas que iluminariam desejos, sentimentos, ânsias e vitórias. Uma vontade de ser, de afirmar, de dominar, far-lhe-ia despertar uma sinfonia panteista de entusiasmo, de glorificações de tôdas as suas energias, de reconciliações consigo e com o mundo, de um pessimismo criador, fecundo até na destruição, feroz e manso, luminoso e sombrio, trágico, extremado, valente; livre de tôdas as liberdades citadinas que são

as mais cruéis escravidões; que viveria as leis de sua própria natureza com o ritmo de suas próprias ambições e desejos; que amaria a alegria sem fugir da dôr, e a vida sem temer a morte... Um homem que teria nas mãos a água lustral da felicidade e bebê-la-ia de lábios ressequidos, e não a deixaria escorrer pelos dedos...

E essa alma solitária seria uma afirmação, porque ela quereria buscar dentro de si as grandes afirmações que fazem falta. Haveria um de-

lírio de ser si mesmo, êle buscaria suas partes perdidas pelos homens e pelas coisas...

Já clareava pelos lados do nascente. Nós dois havíamos, assim, passado a noite tôda, naquela divagação pelas ruas desertas. Já se ouvia o ruído dos caminhões que vinham para a cidade carregadas de mantimentos.

Pitágoras encolhia-se de frio. Eu sentia êsse frio penetrar-me até a alma. E êle continuou:

— Há as águas que cantam nas manhãs claras, nos bosques perdidos, nas matas soltas, e há uma felicidade nos seixos que rolam.

Como é tudo tão ingênuo como um sorriso de criança. Tudo tão manso como uma carícia, bom como um beijo na testa... E o vento que adeja pelas ramas das árvores, é um gesto simples, um gesto de adeus, como de quem ficasse esperando pela gente, longe, lá longe, na distância...

E daquí a pouco é dia. E o sol rasgará as trevas da noite...

Daquí a pouco é dia. — Êle ficou estático como pensativo. E reboaram dos seus lábios essas palavras que ainda ouço: — Êles rasgaram os livros dos poetas e expulsaram os pensamentos dos filósofos e riram-se do sentimento. Foram cidades bombardeadas, crianças retalhadas, corpos ficaram ao abandono. E a sinfonia da dôr teve o acompanhamento macabro das metralhadoras

que gelou nos rostos os sorrisos bons.

Um dia êles adoraram a Fé, mas riram-se dela depois, para crer na Razão. Hoje adoram a Senhora Dona — Vida — que — passa... Mas depois de cada noite há sempre um clarear de sol... E os pássaros ainda cantarão e as árvores ainda erguerão os seus galhos, e o vento ainda correrá feliz por entre as coisas. E o sol ainda será recebido como um Grão Senhor e será adorado como um deus. Êle que nos dá tudo

sem que o peçamos. Será bem o símbolo de amanhã — quando se der tudo sem nada se pedir — porque o sol é sempre o símbolo de amanhã...

VIA-LATEA SUBJETIVA

— Gracián, um dos grandes pensadores desconhecidos, certa vez, em seu "Criticón", disse essas palavras... Um momento... — e Pitágoras de Melo pôs a mão no bolso em busca da famosa caderneta preta, onde anotava opiniões, frases esparsas, confissões, aforismos, seus e de outros. Ao

seu gesto, sucedeu-se um meu de inteiro interêsse. Eu tinha já há muito tempo o desejo de abrir aquela caderneta, onde Pitágoras, seguidamente, no meio de uma palestra, ou quando lia um livro, costumava tomar certas notas que muitas vêzes eram guardadas com o maior mistério, porque êle não dizia, por mais que perguntasse, o que ali havia anotado.

— Um momentozinho... — prosseguiu êle, enquanto passava os olhos pelas páginas da caderneta. — Ah! Está aqui... "Quisera eu ter cem olhos e cem mãos para satisfazer a curiosidade da alma e não posso...

Essa avidez de Gracián é a minha, e, também, a tua avidez. Que pena não termos cem olhos, cem mãos, cem corpos, cem vidas, para ver, para tocar, para sentir, para viver a plenitude de tôdas as coisas. Essa avidez consome a gente, não é? Amargura, angustia, porque a gente tem a impressão de que tudo nos deverá pertencer. Há uma certa inveja até das dores

dos outros. Por que não estive em Waterloo? Por que não assisti e tomei parte na batalha de Cannes? Por que não lutei ao lado de Leônidas, nas Termópilas? Se eu pudesse ter brandido uma espada nos dias sangrentos da Grande Revolução Francesa...

— De que lado lutarias, Pitágoras? — Perguntei com um sorriso.

— Não sei bem, amigo. Mas quem sabe, talvez morresse ao lado de um nobre, lutando contra a canalha das

ruas. Havia-os tão covardes, como houve valentes. Talvez até lutasse contra todos.

Famoso espadachim, rival de "Morte Negra", êmulo de "Du Guesclin", rebrilharia a minha espeda pelas ruas humildes e tortuosas de Paris... sei lá! Mas o que me queima a alma é essa avidez de conhecer as coisas, de as haver sentido, de as haver sofrido. Mil vidas desejaria morrer. Como seria belo morrer lutando, com um sorriso nos lábios...

O garçon já colocara a bebida que eu havia pedido. Enquanto falava com Pitágoras, punha açúcar no café. Mas pusera sem controle. Quando o levou à bôca, teve de cuspí-lo:

— Bah! Isso está amargo de doce...

— Também. Puseste açúcar demais.

— Veja você como a doçura demais é desagradável. Assim também seria uma felicidade demais, uma alegria demais.

Pitágoras prosseguiu entre tragos: — Eu tenho a ambição de um conhecimento absoluto. E o meu desejo, acredite, é também absoluto... Se pudesse penetrar nas coisas como um deus... seria maravilhoso.

— Quando é que você me vai mostrar essas suas notas aí? — e apontei-lhe para o bolso que guardava o caderno prêto.

— Você deseja tanto assim?

— Uma curiosidadezinha quasi feminil, você compreende.

Pitágoras riu-se e abanou a cabeça. Ajuntou depois, tocando-me no braço:

— Não há nisso aí nada de extraordinádio. Umas anotações, umas frases soltas, minhas, de cambulhada com as de outros, uns aforismos, umas palavras quase sem sentido... e alguns versos. . — acrescentou, baixando a cabeça num gesto caricatural de pudicícia que me fêz rir.

— Por que não me mostra alguns?

— Você já conhece muitos dêles, não conhece? Agora há outros que... — pôs-se a coçar a cabeça e a sorrir distante — Você sabe, a poesia é uma espécie de confidência com a gente mesmo. Tem-se um certo pudor em fazê-la e maior ainda em mostrá-la. Depois essa minha poesia é um tanto minha, com ritmos das minhas vísceras, do meu sangue, da minha respiração, dos meus

infortúnios e das minhas derrotazinhas.

— Mostra-me alguma coisa... — pedi com palavras, com a cabeça, com os olhos. — Uma qualquer, nova para mim. — Pitágoras abanava a cabeça, mas não era de desacôrdo. Levou a mão ao bolso. Tirou a caderneta e abriu-a ao acaso. E leu-me sem ênfase, naturalmente:

"Porque atiras sôbre a vida a pedra de tua queixa?

Não olhes para a tua dor como se ela abarcasse o mundo!...

À tua volta.

— Olha bem com teus olhos pisados —

há quem ria e há quem chore.

Lembra-te que há sempre uma dor maior que a tua!..."

Houve uma pausa depois. Pitágoras remexia as páginas da sua caderneta num silêncio grave.

— Lembra-te que há sempre uma dor maior que a tua!... — eu repetia essas palavras como num eco. —

Isso reconcilia a gente, não é, Pitágoras?

— Não sei não. Eu tenho às vêzes uma vontadezinha masoquista de ter a maior dor do mundo, de sofrer mais do que os outros, e, depois, solitário e silencioso, fazer disso tudo a "via-látea" da minha vida, uma via-látea irregular mas profunda, e cheia de luminosidade e de cinzas, abissal e subjetiva, sabe?...

MARCHA HUMANA

A marcha humana para o futuro é o caminho ao progresso. O homem de hoje vive para o amanhã porque o passado não retorna senão na recordação ou materializa-se nas obras mortas. O presente é fugidio, escorre pelos dedos. Só êle nos pode dar o desejado. O homem primitivo não tinha futuro como

não tinha passado. Por isso não tinha a consciência da história nem de ser um fenômeno histórico. Os gregos viviam também o presente, divinisavam o passado, e não perscrutavam o futuro.

Parecia-lhes eterna a vida. A suavidade do seu clima e a fisionomia da sua paisagem ofereciam-lhe o prazer do momento fugaz. A prodigalidade do seu solo não lhes permitia olhar o futuro como uma interrogação.

Os egípcios, sentindo-se constrangidos a viver nas

margens de um rio, cercados pelo deserto indomável, acreditavam no amanhã.

O Nilo vinha do mistério impenetrável das serranias que escalavam o céu. Era um presente dos deuses e o Egito um presente do Nilo.

As suas cheias periódicas, a regularidade das suas marés, marcavam no decorrer da sua existência as horas do tempo. E esperavam as cheias que alagariam os campos, que reverdeceriam as plantas dadivosas. E o Nilo era o seu rio sagrado. Sa-

grado porque lhes dava a vida, porque lhes dava o alimento. Sagrado, porque vencera o deserto indomável. O Nilo sempre vencera o deserto indomável e era divino porque era forte e, por ser divino era eterno e, por ser eterno, era sempre o amanhã, e por ser sempre o amanhã, era que a alma egípcia tinha os olhos voltados para o futuro. O homem de hoje vive para o amanhã. Nada define tanto o espírito moderno como os olhares volvidos para as lon-

juras. Todo o progresso humano é realizado para o amanhã. Disseram que se o homem conhecesse o futuro perderia a admiração que lhe reserva. Se as obras humanas e, quando digo humanas, digo as obras coletivas do homem, volvem-se para o futuro, não é que, individualmente, acreditemos que êsse futuro seja nosso, mas porque, coletivamente, acreditamos no amanhã que é o futuro da espécie. Enquanto o homem é futuro não acredita na morte, embora a co-

nheça. Quando o homem é só passado é quando vê a morte esperando-o no fim da estrada, à beira do horizonte. É só aí que tem a consciência biológica da morte, e se o seu rosto se entristece porque vai trilhar um caminho diferente daquele em que viveu, resta-lhe, no entanto, nos olhos, o sorriso mal esboçado de quem não é inteiramente infeliz, porque quando a sua apagar, outro, mais moço, segurará a tocha que êle leva na mão e a erguerá mais alto, continuando

o caminho que não pode percorrer. O homem morre no indivíduo, mas viverá na espécie. O homem morre no presente, mas viverá no futuro.

Sempre um amanhã virá depois.

QUAL DAS DUAS VERDADES?

O gôsto amargo da vida nasce das relações dos homens entre si.

Nunca o homem odiou a natureza. O cearense, vencido pela sêca, busca o litoral cheio de promessas. Mas a notícia das primeiras chuvas arrasta-o de retôrno à terra que reverdece sob a humidade que o céu lhe deu. E

volta sob a atração telúrica que o prende ao punhado de terra, que regou com seu suor e que lavrou com o melhor de suas fôrças. O homem nunca odiou a natureza. Êle teve, sempre, por ela, êsse místico respeito que gravou no susto primitivo do seu terror cósmico. Nosso homem dos campos é a terra. Esta plasmou em sua alma, em seus costumes, em sua moral, o sentido profundo que vem das matas espêssas, das montanhas escarpadas, dos rios potentes e

caudalosos, dos cantos de pássaros, da exuberância de uma flora prodigiosa.

Aqui, nesta terra, até os adjetivos ricos desmerecem: O espanto é uma adoração. O misticismo busca o arrebatamento primitivo de um agradecimento alucinado. Há um delírio metafísico em tôda a mitologia do nosso homem. O homem diviniza a natureza. Sempre o fêz em tôdas as épocas e em tôdas as latitudes. Mas, aquí, o homem canta a fôrça. Alucinado ante o poder imenso,

êle vê na terra, na natureza, a exuberância dos sentimentos humanos dos deuses oprimidos pelas dôres que também doem nos peitos humanos. Os rios são lágrimas... Êle empresta à melancolia do seu limite a infinitude do mundo que lhe assombra os olhos. O brasileiro tem visto na sua natureza a obra de um entusiasmo. Êle tem sentido na terra o mistério que ainda não decifrou. Nós temos sido acusados da nossa devoção. Vivemos quase sempre ufa-

nados de nós mesmos, nessa contemplação narcisista de que nos acusaram. E, precisamente, isso é a nossa virtude. Se proclamamos a grandeza de nossa terra, nunca, com isso, desmerecemos o homem. O brasileiro tem sido grande, tem sido heróico, nessa sua conquista do solo de sua pátria. Precisamente essa tem sido a nossa grande qualidade. Numa natureza, onde se desperdiça luz, onde um céu azul conhece tôdas as gamas da luminosidade, onde o verde

das matarias, dos prados, das montanhas recebeu a carícia festiva dêsse sol, a quietude de nossas campinas, o rumor das cachoeiras possantes, e o céu riscado de pássaros maravilhosos, tudo isso tem servido para encher nossa alma de anseios indefiníveis.

Somos uns enamorados de nossa grandeza. Acusam-nos dêsse crime aquêles que possuem a aridez das terras onde vivem, das planuras sem fim e sem vida, os céus mortiços, os sóis cambiantes, as madrugadas sem pássaros e

os entardeceres desmaiados. Criticam-nos do crime de sua falta. Somos culpados de possuir as ausências dos outros povos. Ante uma natureza como a nossa, a primeira atitude do homem é de espanto ou de adoração. Que haja algo de espanto em nossa adoração! Mas o homem brasileiro ama, adora e teme sua terra, mas vence-a.

Ninguém dominou a planície das caatingas senão o nosso cabôclo.

Ninguém venceu a pletora de água da Amazônia senão

êsse mesmo caboclo de lábios rachados pela sêde. Somos adoradores de nossa grandeza por isso. Ofuscamo-nos de um céu luminoso, adoramos a esmeralda das nossas matas e a vida vive indormida nas nossas terras e nas nossas flores.

A noite é habitada dos zumbidos dos insetos, dos pássaros noturnos, das luzes que se movem. A nossa terra nunca cala e o silêncio é para nós uma figura quase literária.

No ar incandescido vibram e fulguram partículas de vida. Há vida em cada punhado do nosso solo. Por isso, nós brasileiros, amamos a verdade que nos vem dessa terra. O nosso nacionalismo, aquêle que nos liga e nos aproxima do nosso solo, não é o produto de uma fantasmagoria, nem nos foi impôsto pela palavra dos homens. O nosso nacionalismo nasceu da terra, dessa terra vigorosa, que afirma numa alegria dionisíaca.

Podem os de longínquas plagas querer desmerecer os nossos homens e os trópicos. Podem nos caluniar, chamando-nos "degenerados" porque amamos o verde mômo das nossas matas virgens. E em favor de que fazem êles isso? Em favor da moderação de suas terras, da natureza medíocre das zonas temperadas, que guarda um homem temperado, mas sem moderação!

Leitor amigo, permite que te pergunte: Qual das duas verdades preferes? Aquela

montanha branca de neve, coberta pela cúpula ouro e sangue das auroras pálidas, quase sem vida, onde nem uma voz grita a afirmação do tempo, como se ali o tempo parasse à espera de si mesmo, ou a verdade morna que vem daquelas florestas emaranhadas de galhos e de troncos que ficam no alto daqueles montes, onde o uivo das feras rasga o espesso das folhagens, onde o zumbido dos insetos risca a carne das matas como arrepios incontidos, onde o marulhar de

um vêio dágua murmura histórias às plantas debruçadas sôbre a humidade tépida?

Qual das duas verdades tu preferes?

HÁ LUGAR PARA UMA NOVA FILOSOFIA DO MUNDO?

O homem se sente na hora presente como um enganado por si mesmo. Está gasto das longas espectativas e dos longos ideais.

Uma busca contínua para a consecução de um fim encontra finalmente um vácuo. E o homem não pede mais porque os lábios cansaram de pedir.

A oração seria uma mentira e assume nesses momentos as côres de uma caricatura.

O homem envergonha-se de si mesmo. Êle não marca mais um fim para a sua vida, porque sente-se tocando os limites. E como êle não pode transpor a barreira que lhe impede a sua marcha, prefere negar a própria barreira como uma renúncia para a luta.

É aí que o homem é um derrotado.

E sente-se infeliz porque nega a própria vida.

Não tem mais o prazer do egoísmo quando construtor. O homem é como o animal pré-histórico, embora não more mais em cavernas, mas em arranha-céus portentosos. Não grita pelo tom de voz mais alto, mas pela amplificação e os alto-falantes, como se o seu grito pudesse assim despertar os deuses que dormem no Olimpo o sono sem fim dos que esquecem.

O homem de hoje é um fatigado. Há no seu rosto o desfiguramento dos que conhecem a derrota, porque o homem de hoje derrotou a si mesmo.

Não tem mais a consolação de uma vitória.

E quando destroi, êle o faz para destruir-se.

A vulgaridade da vida aniquila até nos grandes espíritos a fé em si mesmos.

Êsse grande cansaço da atualidade não nega a possibilidade de uma nova filosofia para o mundo. Nem

afirma, tão pouco, a morte do progresso cultural do homem.

Se os homens de hoje, em sua maioria, esquecem de perguntar, para se livrar do incômodo das respostas, não quer dizer que novas perguntas não estejam pairando.

Tôda a nossa verdade tem sido feita de erros. E quando êsses erros são substituídos por outros é que se forma uma nova verdade.

O homem tem sido um descontente da vida. Tem feito uma filosofia negando

o mundo, em busca de outro melhor, em vez de construir o seu mundo.

Já dizia Spengler: "A planta vive sem saber que vive. O animal vive e sabe. O homem admira-se de viver e pergunta. Mas o homem não pode dar uma resposta à sua pergunta; só pode crer na exatidão da sua resposta e nisto não existe a menor diferença entre Aristóteles e o mais mísero selvagem."

E o homem precisa responder às novas perguntas que

surgem neste instante decisivo da humanidade.

Há talvez em Nietzsche o veio de uma nova filosofia. Há o descortino de um novo mundo. E, talvez sem o saberem, no grande conflito atual, joga-se de uma vez para sempre o destino da sua filosofia.

Quando êle disse:

"Sei que algum dia o meu nome se aliará, em recordação, a algo de terrível, a uma crise como nunca ocorreu, à mais tremenda colisão de consciências, a uma sentença

definitiva, pronunciada contra tudo aquilo que se acreditava, exigia e santificava até então.

Eu não sou um homem: sou dinamite."

"A minha verdade é espantosa, porque agora a mentira se denominou verdade. "Transmutação de todos os valôres": eis a minha fórmula para um ato de suprema determinação de si mesmo na humanidade, ato que em mim se tornou carne e gênio."

"Sòzinho, fui eu o *descobridor* da verdade, porque fui o primeiro *a sentir* como tal a mentira..."

"Por isso, sou necessàriamente também o homem fatal; porque, se a verdade entra em luta com a mentira milenária, haverá convulsões, terremotos, deslocações de montanhas e de vales, coisas que nunca se imaginaram nem mesmo em sonhos. Então, o conceito de política se absorverá todo em uma luta de espíritos e tôdas as formações potenciais da antiga

sociedade irão para os ares, porque tôdas assentam na mentira: haverá guerras como nunca houve na terra. Sòmente depois de mim começará no mundo a *grande política*..."

Êle previa já o embate de hoje que é a "mais tremenda colisão de consciências".

Transmutação de todos os valôres, potencialização e valorização do homem, estabelecimento de uma nova aristocracia, liquidação do socialismo de rebanho por um socialismo que se funde

num individualismo construtor, criação de uma nova perspectiva, nova ordem econômica sob uma base mais correspondente à natureza, libertação dos instintos guiados por uma orientação sadia, nova religiosidade, talvez venham a surgir dêsse grande choque de tôdas as ideologias.

Haverá, portanto, lugar para uma nova filosofia do mundo?

Até quanto tempo ficaremos devendo uma resposta?

ODE HINDU

As pedras não necessitam de esperanças, mas nós, sim, necessitamos. Humildes pedras que caem, rolam ou dormem no fundo do mar, da terra. Elas não querem explicar o mundo.

Não somos humildes quando as imitamos, como não e humilde o pássaro que não vôa. Apenas quando huma-

nos somos humildes. Quando perece a justiça, e o vício e o despotismo se alçam cruéis, e erguemos a nossa voz, nesse momento nos convertemos em criaturas.

O ser está além da trajetória da flecha. Ela se detém assombrada ante a resistência invisível. Mas é em nós que está também o absoluto. O vento pode sacudir as fôlhas das árvores, mas o vento passa e elas ficam.

Um dia a morte há de nos levar à morada do velho poeta, e seremos seus hóspedes.

Lá conheceremos o tempo que não precisa do *quando*, e o espaço que não precisa *do onde;* lá aprenderemos a ouvir os segredos do silêncio.

AS TRÊS HUMANIDADES

A civilização é a metrópole. Cada vez cresce mais a separação entre os metropolitanos e os provincianos. Enquanto êstes continuam a ser os guardiões das culturas, aquêles anquilosam-se na morte das idéias, que substituem por brilhos de moeda falsa. Estamos numa época de decadência porque

se instaura definitivamente no mundo, mais uma vez, o predomínio incontente das metrópoles.

São elas que falam em nome dos povos. Paris é a França, Berlim é a Alemanha, Londres a Inglaterra, e Nova York os Estados Unidos.

São essas cidades os oráculos dos povos e apontam os destinos da nações. No entanto, nelas existe a depressão de todos os valôres do homem. E é por isso que

elas são o primeiro capítulo da decadência.

A separação entre o metropolitano e o provinciano é crescente, repito. Podemos distingui-los pelos seguintes caracteres que ressalto, no metropolitano: cinismo; desinterêsse pelos grandes problemas interrogativos do homem; ausência da dúvida; espírito folgazão; jargão cheio de molequismo como meio de linguagem; falta constante do espírito de conservadorismo, sob qualquer aspecto; necessidade impres-

cindível de encher o vasio interior com divertimentos mais violentos, excitantes mais rápidos; pouca elegância nas maneiras; tendência para o chiste, para o humor, o trocadilho; tendência às exterioridades, manifesta mais intensamente na busca do vestiário; pretensão de superioridade sôbre o provinciano que lhe serve de motivo de ridículo, sobretudo quanto às virtudes que êste possui e que são olhadas pelo metropolitano como reminiscências de épocas ante-

riores que êle julga já ultrapassadas; aumento do esquerdismo nas massas; na arte possui uma apreciação pelo temporal, pelo passageiro, pelo epidérmico; não compreende mais a arte pela arte; dissociação dos sentimentos nobres que êle os eiva de interêsse e de lucros próximos; ausência do heroísmo desinteressado; gôsto pela literatura leve, pelo romance em vez do ensaio, pela novela em vez do estudo; ausência de ideais excelsos, substituídos pelas ânsias de

vitórias materiais; volubilidade crescente; radicalização às ruas; "Tenho asfalto na alma..."; nova concepção utilitária do amor; transformação do casamento como companheirismo; transformação do sentido provinciano da mulher; tendência para maior liberdade sexual; aumento da neurastenia e doenças nervosas; modificação degenerativa de todos os sentimentos, diminuição do sentido do destino, do signo, para incremento do sentido de causalidade; redução dos

instintos por uma padronização consciente normativa de um "modus-vivendi"; maior tensão e vigília na vida; mais vazio nas almas; artificialização crescente da vida e da criação consciente; predomínio da moda, que segue num rítmo cada vez mais rápido; instalação do provisório em suas construções e obras de arquitetura e conseqüente espírito de "moda", na arte, com o envelhecimento precoce dos seus ídolos; instalação de crenças variadas, com modificações de cunho típico

metropolitano; maior ingenuidade na aceitação dos fatos e nos divertimentos: maior atração pela luz e pelo movimento; mais crescente o sentido de morte nas obras humanas metropolitanas que trazem sempre o gérmen da destruição; completa ausência do sentido de reversibilidade do tempo, com consciência mais forte da hora que passa, do minuto que passa, do segundo que passa; gôsto pelas coisas "exquises", instauração da música de sons vitais e de

ritmo mais sexual; predominância no consciente dos problemas de ordem sexual; aumento do "taedium vitae"; maior fixação íntima da cidade que nunca abandona o metropolitano, mesmo quando ausente dela; instalação do herói citadino, de brilho rápido, que se salienta por qualquer realização provisória como esportista, sambistas, locutores de rádio, aviadores, etc.; maior desagregação dos elementos raciais, para dar nascimento a um tipo comum; ausência de es-

piritualismo, com crescente desenvolvimento de doutrinas de fundo causal, científico; divinização do dinheiro em contraposição ao sentido econômico rural dos bens; infecundidade física e espiritual; ausência de angústia quando se vê o último de sua família, sem possibilidade de perpetuação; redução da natalidade, ao princípio como conseqüência de ordem econômica, finalmente formando espírito do homem citadino; redução do instinto maternal das mulheres, que passam

bruscamente da meninice para a maturidade; ausência do brinquedo ingênuo, infantil; espírito emancipativo das mulheres; uniformização crescente da urbanística metropolitana, entre i, entre as grandes cidades; a música, a literatura, a pintura e a escultura assumem um caráter profissional; ausência do estilo e instalação do gôsto; desaparecimento dos costumes para dar lugar às maneiras de comportamento; desaparecimento do traje popular pela influência

de uma moda variável; ânsia de imposição do estilo metropolitano sôbre as partes ainda não conquistadas; ânsia de imposição de formas genéricas para domínio no mundo inteiro; aumento crescente do agnosticismo como atitude filosófica, como posição mais fácil para enfrentar as grandes e eternas perguntas; a originalidade como signo de decadência; nas metrópoles há ânsia de originalidade, "Os homens excelsos não são originais".

Justifico por final o título: três humanidades.

A primeira é a da província, a segunda, a das metrópoles, e a terceira a que há de vir, após a grande transmutação do mundo, após a grande carnificina.

O LOUCO QUE VENDIA JUIZO...

Dizia-me Pitágoras de Mello:

— Marchamos para uma segunda religiosidade. E não creia, como outro dia aquêle senhor de barba escura declarava que a religião haja perdido o seu prestígio. Nada disso. Êle assegurou-nos que a ciência era o su-

cedâneo da religião e que os homens de hoje não precisam mais dela, porque, numa época prática como a que estamos, basta a ciência para fazer a felicidade humana.

O meu silêncio, naquele momento, não julgue que foi covardia. Absolutamente. Calei-me porque tive a consciência da inutilidade de minhas palavras para demover quem, unilateralmente, está convicto de que possui pensamentos profundos. Quando vejo alguém querer determinar os acontecimentos do

mundo pelo esquema que preconcebidamente estabelece, coloco-me em guarda. Sei que você mentalmente irá pensar que eu seja contraditório, porque também tenho às vêzes, essa mania de que podemos determinar a direção dos acontecimentos. De fato, sou assim. Mas creia que o não faço racionalmente. Faço-o intuitivamente. Não busco elementos, não amontôo causas, para, com elas, depois de dispostas, concluir a direção dos acontecimentos. Proclamo mais as

minhas intuições e saiba que tenho acertado muitas vêzes, porque precisamente contrario as minhas opiniões lógicas ou aquelas resultantes que a minha razão me tem fornecido. Mas voltemos ao caso doutro dia. O homenzinho barbudo me fêz calar por isso. Estava em face de um obstinado e, em absoluto, nego-me a discutir com obstinados, porque não sou dêsse gênero. Julgam os que pensam como êle que fazem uma grande honra à ciência em julgá-la o sucedâneo da

religião. Religião, para mim, é uma coisa mais séria do que parece. Há os que riem quando se fala nela.

Que fazer? Há muitas espécies de se ser religioso e, no fundo, cada um tem a sua. O homenzinho barbudo tem a sua, e chamada ciência. Adorará seus santos que são Lavoisier, Volta, Aristarco, Pasteur, etc. Assim um filósofo que visse na filosofia o sucedâneo da religião, adoraria Aristóteles, Empédocles, Platão, Kant. Ora, tudo isso é supinamente ridí-

culo. Não sou religioso, declaro. Não o sendo, sou. Tenho minha maneira de ver o mundo, de interpretá-lo. Cada um tem a sua e muitos têm a mesma. Se uns se julgam na posse da verdade, outros querem reagir contra essa verdade. Os próprios cientistas não se entendem. Os filósofos seguem o mesmo caminho e os futebolistas também não ficam atrás. Os que acusam os outros de intransigentes, também não transigem. Em suma, somos um amontoado de errados.

— Mas em suma, em que ficamos?

— Onde quero chegar, nem sei bem. Não marquei um rumo aos meus pensamentos e êles correm livremente, como vêem. O que quero é focar o assunto da religião sob um aspecto genuìnamente razoável. Julgo que há gente que precisa da religião, como há gente que explora a religião. O homem sempre precisa de crenças, porque o homem, animal que interroga, quer uma resposta. Quem tem a verdade: Pla-

tão ou o homem religioso das ruas? O mesmo humilde e simples homem que responde com uma crença primitiva e mística às suas interrogações, aproxima-se tanto da verdade como Platão, como Kant, como eu, como você. Nossa verdade sempre está em contraposição com a dos outros. A ciência proclama as suas. Destitui-as depois. Substitui-as, modifica-as, transforma-as. Vem um proclama uma, vem outro proclama outra. E quem dá a última palavra julga-se

com o direito de afirmar que os outros estão errados. Há irreligiosidade no mundo atual, não nego. Isso é crescente. Sempre houve dessa irreligiosidade nesses momentos agônicos. Mas uma segunda religiosidade desponta sempre nesses instantes de luta. O homem vota à busca de suas crenças. Isso não é uma regressão, porque aí não há regressos. A nossa época mecanizada nos cria a convicção de que o homem fará a sua felicidade pela máquina. A máquina é um

meio. E tanto nos poderá dar a felicidade como a tortura. O homem que se acostumou com a máquina julgou-se libertado das crenças, mas escravizou-se a novas crenças. Que buscam êles?

A segunda religiosidade, que virá, terá suas profundas interferências no destino dos homens. Aquêles que se julgam mais libertados porque podem proclamar que não têm religião, não encontram meios para diminuir suas inquietações. São, às vêzes, mais profundas e mais dolo-

rosas que as inquietações do homem religioso. Porque iremos procurar aquêles que em sua humildade preferem acreditar em fôrças sobrenaturais, pregando-lhes uma solução dentro da ciência que também acredita em fôrças desconhecidas, em hipóteses insolucionáveis, se os outros possuem também suas hipóteses? Que direito cabe, ao que crê numa frase, de combater aquêle que crê numa individualidade? E se os que aceitam a ciência prestam um culto à energia, ao

próton, ao átomo, às fôrças cósmicas porque quererá destruir a crença daquele que acredita num ser inteligente que dirija os destinos do universo? Diminuiremos com isso suas inquietações ou iremos substituir as que têm por outras, muitas vêzes mais terríveis e avassalantes? Que lhe darão em troca? Por um punhado de ilusões, outro punhado de ilusões... Isso até me faz recordar a fábula de Lafontaine, a do louco que vendia siso...

O ESTRATAGEMA DAS SERPENTES

O conselho é sempre uma inútil advertência, uma proposta que possui a virtude de nunca ser aceita, que todos gostam de dar e ninguém de receber. Todos somos médicos para os males dos outros e para cada mal existe uma terapêutica, porque cada um tem sua medicina in-

falível. A juventude não gosta de ouvir conselhos e, na idade adulta, cometemos o mesmo êrro que imputamos aos jovens, e prosseguimos não ouvindo as recomendações que nos dão. Desde Adão que o conselho é uma fórmula um tanto desmoralizada. Já a serpente, ofìdicamente esperta e viva, compreendeu a inutilidade de se dirigir diretamente a Adão para industriá-lo. Conhecia, desde aquela época, o coração humano; melhor diríamos: o do homem. Adão não aceitaria o seu convite. Podia adorná-lo de frases lindas — e a serpente foi o precursor dos artistas — podia pôr uma tonalidade convincente de voz, rebuscar, num estilo bem medido, palavras certeiras que despertariam os instintos que dormitavam em Adão. A serpente poderia ter feito, pois tinha lábia suficientemente reptilesca, mas Adão era homem e não fôra feito para ouvir admoestações, porque lhe inculcaram os deuses um

pouco dêsse chamado complexo quixotesco de superioridade.

Mas Eva, e a mulher o atesta, por outro lado, sofre um certo complexo de inferioridade. A serpente sabia disso, e conhecia psicanálise melhor que o dr. Freud, e usou de uma dissuassão indirecta. Foi à Eva em vez de Adão, já que êste não aceitaria sugestões, pois é sempre demasiadamente altivo e cabeça dura para aceitar as opiniões dos outros. Eva não era assim. Bastava tocar em

sua vaidade, despertável sempre por se sentir inferior. A serpente sabia que a vaidade possui razões que a razão desconhece e ainda aí a serpente precedia Pascal e superava-o. Expôs-lhe o que era o "fruto proibido": êle era tudo, precisamente tudo o que lhe faltava.

A falta tem sempre um gôsto de proibição, desde os tempos adâmicos e a serpente usou o eterno estratagema: o das ausências. Tudo o que Eva quisesse, desejasse, e mesmo o que ela, em

sua nudez e em sua inocência, não conhecia nem poderia desejar, aquêle fruto tão maduro pelo sol, tão à mão, tão fácil para os olhos como para os lábios, alí estava para oferecer-lhe todos os encantamentos insuspeitados.

A exortação da serpente obteve bom êxito. Mas o que a serpente queria não era Eva, porque se sòmente ela pecasse, sabia, o Criador seria condescendente, magnânimo, sobretudo tratando-se de uma pobre mulher. Se, porém, Adão seguisse o seu

conselho e pecasse, tudo seria diferente, porque Adão era demasiadamente robusto, enérgico, vivo, de postura atlética, cheio de vontade, convicto de sua superioridade histórica por ser o primeiro homem na face da Terra. A serpente sabia que o Senhor não lhe perdoaria a desobediência. No entanto, se fôsse Adão o pecador, impediria êle que Eva também o fôsse. Ante o seu crime seria capaz de um gesto de suprema abnegação, porque a um homem, como

Adão, tudo era possível, sobretudo tratando-se de uma mulher como Eva. E ela seria poupada, e a serpente não ganharia a glória de ter arrastado para o mundo, para o seu mundo, para a terra, para além das fronteiras do Paraíso, antecâmara do Céu, o homem que ela disputava com o Senhor. Por isso preferiu ir diretamente a Eva para atingir Adão, e tudo seria obtido com a máxima facilidade. E além disso retirava ao Senhor a oportunidade de perdoar.

O fruto proibido prometia tanta coisa... umas reticências provocadoras, um talvez de curiosidade... e Eva não resistiria.

Não andava ela pelo Paraíso à cata de tudo, querendo vêr tudo, examinando tudo? Não a vira abrir as conchinhas, espreitar os ninhos, esconder-se atrás das árvores para surpreender as intimidades dos animais? Essa volúpia de saber era demasiadamente superficial, mas indicava-lhe natural e ingê-

nuamente o ponto fraco onde atacar. E foi.

Eva, a princípio, relutou. Mas quando a serpente lhe pôs nas mãos e junto ao rosto o fruto maduro, rosado, apetitoso, foi negando com a cabeça que Eva o segurou. E comeu-o. Poderia guardar o segrêdo? A serpente sabia que não. Ela jamais deixava de dizer a Adão tudo o que aprendia durante o dia.

Não guardaria para si o segrêdo, e depois um anjo do Senhor andava espreitando-os, e certamente descobri-

ria tudo, e Adão, num rompante heróico, se solidarizaria com ela. E se tremesse ante a ira do Senhor? Êsse pensamento era demasiado doloroso para que a serpente o contesse.

Por isso insinuou-lhe que dissesse a Adão, e já.

Nada mais expressivo que a confissão adâmica, quando o Senhor lhe perguntou porque o desobedecera, comendo o fruto proibido: "Foi Eva quem m'o deu, e eu comi..." Ingênua e nobre resposta, simples, mas histórica. Adão,

com êsse gesto, penetrou na história. O conselho, vindo de Eva, embora forjado pela serpente, era aceito e uma das primeiras leis psicológicas formou-se nos tempos felizes do paraíso terrestre: o homem só aceita conselhos quando êles vêm por intermédio da mulher.

Adão inaugurou êsse sistema que, depois, formaria a técnica vulgar dos que desejam dominar e arrastar os homens. Veja-se a história: tôdas as conquistas humanas, tôdas as ideologias, tôdas as

idéias vencem quando mulheres as encarnam, para fundi-las na alma dos homens.

O homem sempre desconfia do homem e o seu complexo de superioridade não lhe permite aceitar orientações dadas por outro homem. Reage sempre, seu primeiro impulso é sempre de oposição. A mulher, não; vem como Eva, de mansinho, meiga, serena, gentil, e pede sem pedir, propondo. Conjura de baixo, não de cima; e aí está o sucesso dos conselhos fe-

mininos. Obriga, por isso, a que o homem pense sôbre o convite.

E a fôrça reativa, que gera seu complexo de superioridade, desaparece ante ela, porque não a considera igual. É outro sexo, e, pensando ou não, aceita. Assim, aquêles que desejam ou desejarem aconselhar os homens, façam-no através das mulheres. Não tem sido outra a técnica dos dominadores, desde Maquiavel e muito antes de Maquiavel, desde a

serpente, que foi a primeira adepta da psicologia aplicada, nos bons tempos áureos do paraíso terrestre...

POR UMA APROXIMAÇÃO HUMANA...

Julien Benda procurou demonstrar por uma leitura precipitada ou superficial da obra do criador de "Gaya Scientia", que êle foi o antecipado teórico das idéias pangermanistas do chauvinismo, das teorias étnicas, do anti-semitismo e, portanto, avô do nazismo. Já em dois

trabalhos nossos — "Nietzsche e o povo alemão" e "Hitler, mau discípulo de Nietzsche" — procuramos provar que, em absoluto, não existe nenhuma procedência nessas afirmações, que são frutos exclusivos de uma leitura precipitada e prèviamente parcial da obra de Nietzsche.

"Nós, os sem pátria, estamos unidos por nossas origens a demasiadas raças diversas, para poder ser tentados a imitar essa vaidosa e enganadora glorificação de

raça, que se passa hoje, na Alemanha, por prova de patriotismo.

Que não cheguemos a ser testemunhas de uma política que levante barreiras ao redor dos povos e tenda a embrutecer o espírito alemão, insuflando-lhe um orgulho ridículo!

Isso Nietzsche pronunciou em 1885, em "Gaya Scientia", um dos seus maiores e mais pujantes livros. Como é diferente essa manifestação da de Hitler em "Mein Kampf: "É necessário chegar-se à

convicção de que é maior honra ser-se cidadão alemão, embora não seja mais que um varredor de ruas, que ser rei no estrangeiro!" A atividade filosófica de Nietzche foi tôda orientada para uma aproximação humana. Êle se excedeu no desejo de conciliar coisas aparentemente inconciliáveis. Sempre acreditou na possibilidade de ser criada uma comunidade humana de vida espiritual intensa, que nenhuma reivindicação de ordem nacional ou individual pudesse limi-

tar ou diminuir. Erram aquêles que julgam que suas afirmações sôbre a vontade de potência e o desenvolvimento do individualismo tenham um sentido político ou nacional. Há alí, sòmente, uma afirmação baseada na própria biologia, na própria organização instintiva do homem, sem que isso seja a possibilidade de criação de abismos intransponíveis. Nos seus últimos anos de vida, Nietzsche, referindo-se ao seu livro inconcluso "Vonta-

de de Potência", exclamou essas palavras:

"Conto neste livro, a história dos dois séculos próximos. Conto o que sucederá certamente, o que não poderá deixar de suceder: o advento do nihilismo.

Transcrevemos aqui algumas palavras de Nietzsche sôbre seu conceito de nihilismo: ...é o espanto diante do "falso"... Vácuo; ausência de pensamento; as paixões fortes circundam objetos sem valor: — os espectadores dêsses impulsos absurdos, o

pró e o contra: — necessidade de refletir com ironia e frieza em relação a si mesmo. Os mais fortes impulsos aparecem sedutores e mentirosos: como se devêramos acreditar em seus objetivos. A maior fôrça não sabe a que deve servir... Os meios existem, mas não sabem qual fim. — O ateísmo é encarado como uma falta de ideal... Fase de negação apaixonada: o desejo longamente acumulado da afirmação em relação à negação... mesmo em

relação à dúvida... mesmo em relação à ironia... mesmo em relação ao próprio desprêzo...

A mentira não será alguma coisa de divino? O valor de tôdas as coisas não reside precisamente no fato de serem falsas?... Não se poderia crer em Deus, não mais por que seja verdadeiro, mas PORQUE SEJA FALSO?... O desespêro não é sòmente a conseqüência de uma crença, na verdade divina?

Assim pensam os nihilistas. E quem desde aqui vos di-

rige a palavra não fêz, até agora, mais que reflexionar: como filósofo e solitário por instinto, que encontra proveito na vida à parte, na paciência, no aprazamento e na demora; como um espírito aventureiro e temerário que já se extraviou não poucas vêzes, em todos os labirintos do porvir; como pássaro-profeta que "olha para trás quando relata o que há-de ocorrer, primeiro nihilista perfeito da Europa, mas que superou o nihilismo (que o viveu em sua alma), deixan-

do-o atrás de si, fora de si. "Ter percorrido todo o círculo da alma moderna, ter-me detido em cada um dos rincões, é o meu orgulho, minha tortura e minha felicidade. E como resultado, ter sobrepassado o pessimismo, e um olhar goetheano de bôa vontade e de amor..."

Todo o fundamento do nazismo é anti-semita, e Nietzsche nunca foi anti-semita. Tanto é assim que rompeu com sua irmã Isabel por haver casado com um anti-semita declarado e ferrenho.

Numa carta que escreveu nessa ocasião à sua irmã, teve palavras como estas: ..."a campanha contra os judeus tem sempre sido coisa de gente baixa, invejosa e covarde; e todo aquêle que participe de tal campanha revela, por isso só, sua mentalidade de canalha..." Êle reconheceu através de suas obras certos traços desagradáveis do povo judáico, mas isso não impediu que, por diversas vêzes, mostrasse sua admiração por um povo, que nos deu Jesus, o doce rabino

que morreu combatido pelo ódio dos fariseus — que existem em tôdas as épocas — e não pelo povo; êle admirou o gênio de um Spinoza, e Paulo de Tarso foi uma das personalidades que lhe mereceram a maior atenção.

Êle sempre aclamou o gênio do povo judáico, havendo tecido belas páginas sôbre a "Bíblia", a obra máxima que o espírito humano já produziu. E sôbre êsse povo teve ainda palavras como estas: "Nos tempos mais sombrios da Idade Média, quan-

do as superstições asiáticas pesavam mais gravemente sôbre a Europa, os judeus foram livre pensadores, sábios, médicos, que mantiveram, no alto, a compreensão das luzes e da independência espiritual, em meio e a-pesar-das duras condições que suportaram. Deve-se aos seus esforços, em grande parte, que a cadeia da civilização que nos une à antiguidade greco-romana, haja permanecido ininterrupta."

Nunca foi êle, portanto, um totalitário. E essas palavras

finais que transcrevemos de seu livro "Schopenhauer como educador", são expressivas: "Afirmar que o Estado é o fim supremo da humanidade, e que para o indivíduo não há fim superior ao de servir ao Estado, não é um retôrno ao paganismo, mas sim à estupidez". E essas palavras ilustram em definitivo a nossa tese de que Nietzsche não foi um espírito totalitário, nem absolutamente foi o precursor do nacional-socialismo.

O HOMEM QUE FALAVA POR APÓLOGOS

O homem de cabelos longos falava numa voz mansa. Todos os olhos voltavam-se para êle e nem os pássaros, que cantavam na figueira que lhes dava sombra, desviavam a atenção daqueles rústicos ouvintes.

E lentamente, como se temesse que a rapidez dos

meus passos pudesse perturbar aquêles que o cercavam, fui-me aproximando e ouvi:

— ... O homem que vinha das idades passadas, quando via uma mulher linda, sentia pulsar fortemente o coração. Êle acreditava no caminhar terno do progresso. Tôdas as coisas eram conquistas. E cada dia que passava os homens conquistavam novas vitórias sôbre a tera. E tinham fé no infinito das suas vitórias. Mas o homem que vem da idade presente, embora admire muito as mulheres

belas, não sente pulsar tanto o seu coração. É que o "homem das idades presentes" não tem nos olhos o mesmo brilho claro do "homem das idades passadas".

Quando viu o colapso do progresso, e que o crescimento das vitórias humanas haviam encontrado uma barreira, deixou pousar no seu rosto um traço de tristeza. E o seu sorriso, se não é tão profundo como o do homem das idades passadas, é mais ruidoso, embora menos musical.

É o homem que perdeu a fé. E é por isso que pulsa menos o seu coração...

— Senhor!... — perguntou um daqueles rústicos ouvintes, que usava uma barba branca e tinha os olhos encovados e o rosto magro —
— Dizei-me: quando o mundo se livrará da guerra?

— Irmãos — respondeu o homem dos cabelos compridos, que iam até os ombros — em verdade vos digo: a guerra só terminará quando os homens forem irmãos. Uma vez as mães de todo o

mundo se reuniram. E a mais sábia entre elas disse: "Nós, as mães de todo o mundo, criamos em nossas entranhas os nossos filhos. E depois, êles, que tantas lágrimas nos fizeram verter, que tantas noites de insônia fizeram queimar os nossos olhos, que tantas dôres nos cravaram no peito, vão à luta para se matarem uns aos outros. Por que gerar filhos que vão morrer nos campos de batalha? Se nós, as mães de todo o mundo, negássemos criar nossos filhos? Se nós, as

mães de todo o mundo, nos unissemos, para combater as guerras? Se nós, as mães de todo o mundo, nos obrigássemos a ensinar a nossos filhos que a guerra é a destruição de nossos corações? Só nós, as mães de todo o mundo, somos capazes de impedir as guerras".

Mas os homens riram-se das mães...

Irmãos, ouvi: Os homens podem se dividir, também, pelas suas almas. Há os que têm a alma do seu corpo, há os que têm a alma da sua

pátria, há os que têm a alma da sua classe, há os que têm a alma do seu povo, há os que têm a alma do seu continente e há os que têm a alma do universo.

O sol cobre de luz a terra tôda e não pergunta: que país é o teu? Os pássaros cantam em todo o mundo e os vegetais em tôda a parte crescem e os animais cobrem a terra tôda.

Perguntareis às nuvens qual a sua pátria?

Os homens criam as pátrias, mas o universo é maior.

Irmãos, é preciso ter a alma do universo para que haja a paz.

As mães de todo o mundo darão a seus filhos a alma de todo o mundo.

Nós vivemos cada vez mais sós, embora mais juntos. Há mais união entre os homens que vivem rarefeitos nos campos que nas grandes cidades. Os homens vivem sós nas multidões. E os homens só serão unidos, quando forem irmãos, e os homens só serão irmãos, quando a tua dôr — e apontou para um de

olhos negros — dôa também no teu peito — e fitou um de cabelos louros — e quando a tua alegria faça sorrir os teus lábios.

— E teremos então a paz, senhor? — perguntou uma mulher com uma criança ao colo.

— Sim teremos a paz. Mas para que ela exista será ainda preciso que saiam dos lábios de todos vós, vindas do coração, palavras como estas: Vamos, irmãos, colhêr juntos o que plantamos juntos... Os nossos campos estão maduros e os nossos celeiros esperam o nosso trigo!

— Mas quando virá essa era, senhor? — Indagou estendendo os braços uma mulher que se cobria de um vestido côr da noite.

— Quando os homens, meus irmãos, souberem olhar os seus semelhantes além do amor e do ódio...

A ARTE COMO INTERPRETAÇÃO DA VIDA

A arquitetura antiga era exterioridade. Ficava do lado de fora sua fôrça de expressão. O homem vivia a vida que o cercava e não sofria os problemas interiores com a violência que agita as civilizações ocidentais.

Os povos interiorizados, como por exemplo o árabe,

têm tôda a sua arquitetura no interior. Os povos contemplativos, como os hindus, têm-na em tôda a obra, interna e externa.

A falta de profundidade do homem grego era uma conseqüência de sua primitiva extensão psicológica. Abrangia as exterioridades.

O homem esculpido como estátua por todos os lados, com os limites e contornos perfeitos, é uma exclusividade da arte grega?

Não. Mas é uma característica da arte escultória dos gregos.

Os egípcios modelavam as figuras num alto relêvo. Deixavam à vista sòmente a parte plástica, frontal.

Na arte pré-histórica vamos encontrar, também na modelação, alguns exemplos de reproduções divinas ou de divindades com todos os contornos. Nós, depois, no Renascimento, puzemo-nos a imitar os gregos. Mas essa imitação obedeceu a uma forma cíclica mais evolutiva.

Pusemos, não mais na escultura a reprodução puramente *vital*, física dos corpos, mas já uma intenção psicológica.

As nossas estátuas possuem interior. As gregas puramente o movimento plástico. Se há em nossa escultura exemplos de imitação grega, tal não impede que se possa determinar o espírito mais interiorizado da nossa arte, pois o nosso homem começa a preocupar-se com os problemas do espírito, na mesma proporção que com os

seus problemas puramente vegetativos.

Depois de Péricles o grego principiou a interiorizar-se. Nasciam os problemas sociais, os problemas econômicos e a necessidade de conhecer as causas do mundo e o porquê dessa mesma necessidade. O homem pôs-se em busca do equilíbrio que lhe faltava, conseqüência do desequilíbrio da sua vida exterior.

*

A terceira dimensão do nosso mundo íntimo é essa

exteriorização para o objectivado que se forma muitas vêzes numa espécie de antítese do que desejamos reprimir dentro de nós.

O homem exterioriza o seu mundo de várias maneiras. Os conflitos do seu "ego" em relação ao "super-ego" autoritário e dominador, exteriorizam-se por polarização simétrica, mas acomodada pela intenção de ludibriar o "super-ego."

Na obra de arte o artista muitas vêzes põe sublimadamente por simetria a objec-

tivação dos seus desejos, das suas ânsias.

Noutras vêzes por polarização assimétrica, por antítese.

No primeiro caso os versos, por exemplo, de um homem que exprime seus desejos sexuais e que gosta de manifestá-los claramente, mas usa símbolos, imagens que traduzam, numa fase cíclica mais alta, êsses mesmos desejos.

No segundo caso, a poesia mortificante, de forte dose

de santidade, de um poeta religioso.

Há na primeira uma sublimação. Na segunda uma reação antitética.

*

A arte é uma superestimação da vida. Ela melhora certos autores.

Mesmo na focalização da realidade entra a emoção. Se a arte retratasse tão sòmente a realidade, sem o humano, ela cairia na forma simples da reportagem, da fotografia...

"A arte é a vida vista através de um espelho..."

Se não é uma definição é pelo menos uma atitude. Definir seria delimitar e a arte é ilimitada.

Se se desejar dar à arte um final social, de utilidade, não é só pela simples cópia da realidade que se obterá o efeito desejado.

Nem tampouco se obterão os efeitos desejados com uma pletora de realidade, aumentada pelas lentes da sensibilidade.

Situa-se a arte no espelhamento da realidade. É o espelho que reproduz a vida. E quem é o espelho? O artista. Êle reflete a vida, através de si. Êle dá mais alguma coisa à realidade. Dá um pouco de si. A arte é igual à realidade mais artista. Melhor: Arte igual realidade mais temperamento.

E êsse temperamento vale quando pode exprimir, quando pode provocar nos outros a emoção desejada pelo autor, consciente ou não, maior ou pelo menos igual. A arte se define pelo artístico. É ar-

tística tôda e qualquer manifestação do pensamento ou da técnica, que consiga provocar nos outros a mesma ou maior emoção que o autor, consciente ou inconscientemente, desejou provocar ou manifestar.

Não é uma definição. É também uma atitude.

*

Na natureza existe beleza e não arte. Nem sempre a beleza se une à arte. Ninguém dirá: "aquela paisagem é uma obra de arte!..."

E sim: aquela paisagem é bela!...

"A arte só existe no homem. E existirá na interpretação, na reprodução humana da paisagem, na pintura, na música ou na literatura. E daí que aquela paisagem se tornará artística. Porque a arte é filha dos homens, não dos deuses...

*

A consciência também tem suas escolas. Poderíamos falar de uma "escala cromática da consciência".

Há todo um jôgo de tonalidades. Há penumbra em muitas obras de arte, como Verlaine, Laforgue e em alguns modernistas. Intenções, travestidas de obscuridade.

Inteligível sòmente aos iniciados. Mas nem por isso deixam de possuir o imenso.

*

O homem coloca-se entre a vida e a morte. Os impulsos de morte são instintivos em todos os sêres vivos. Mas o único ser vivo que tem consciência da morte é o ho-

mem. Daí o "pathos" da sua alma. Os animais vivem e o homem espera. Para os primeiros é o momento que passa; para o segundo é o amanhã. Quando o primeiro homem fêz a primeira reserva de alimentos ou armas, êle começou a perscrutar o futuro, a querer interpretá-lo. A consciência da morte foi uma determinada da sua inteligência.

*

A humanidade está nos umbrais de uma nova era. De uma nova cultura.

A decadência da cultura ocidental é a decadência conseqüente de regimens. Dos escombros já se vislumbram as primeiras luzes. A arte moderna já precipitou alguma coisa de duradouro: pelo menos novos olhos para olhar o mundo. O homem novo já deu seu primeiro vagido.

*

As obras humanas são mortais, mas o "humano" é imortal. A arte pode parecer mortal, quando olhada como manifestação de uma época,

de uma cultura, de uma civilização. Mas é a forma que morre com essa civilização.

Não morre, porém, o "humano" dessa obra. Podemos situar tão sòmente o valor "imortal de certas obras, na época em que elas foram a expressão do momento. Mas há nas grandes obras humanas, algo que é imortal com o homem, que só morrerá com o homem. Enquanto houver homens haverá sempre quem sinta um retrato de Rembrandt como quem vibre a um compasso de Mo-

zart; assim como sentimos a expressão de um desenho singelo do homem das cavernas gravado na rocha dura.

O eternamente actual só morrerá com o último homem...

*

A poesia não é só o som, o leve ruído de uma folha que cai, de um canto de pássaro, a alternância dum pingo dágua.

Há o ritmo exterior, o ritmo da matéria. E há o ritmo

interior, o ritmo fáustico dos introvertidos. O poeta é um introvertido que se extravaza de tão cheio pelo lirismo de si mesmo.

*

A rima pode ser como a tonalidade constante, como uma suspensão de ritmo ou como a repetição como base de um prazer. Ou mesmo como a prolongação de um som que ecoa para a lonjura, na ânsia de sugerir...

É como um vácuo que se forma. Como uma pausa que retorna.

Mas a vida não se repete pela regularidade. Dinamiza-se na dissolução dos ritmos universais. A vida é interpretada além da sensação para passar à sensibilidade emotiva.

*

O universalismo dos ritmos vários é uma interpretação fáustica do homem. A poética greco-romana não poderia sentí-la. É que o homem apolíneo vivia à luz do sol. Era o ritmo claro da regularidade. Ritmo inspirado nos ângulos quase retos dos

"templa" romanos ou dos acampamentos de soldados.

Das linhas rígidas do horizonte que os olhos abrangiam. Era a poética do meio dia.

WALT DISNEY, O DESCORTINADOR DE UM MUNDO NOVO

Há uma afirmação aparentemente banal e que encerra uma grande verdade: "A maior revelação do cinema sonoro é Walt Disney".

Disney iniciou com a criação do Camondongo Mickey. — Expressão comum do homem simples que leva pacotinhos para casa, que não se

esquece da sobremesa para a família, que pratica satisfeito uma boa ação... e que recebe, o mais das vêzes, a paga ingrata dos outros e do mundo.

Pequeno burguês que esconde atrás da sua concepção da vida tôda a tragédia da própria vida. Olhar daqueles que não querem ver nada além da paisagem.

Você já viu, caro leitor, quantos Camondongos Mickeys, travestidos de gente por aí?

Pato Donald — homem

atarefado, brigalhão, mais explosivo que realizador, que fala muito, neurastênico, rixento, agitado. São aquêles que se levantam de manhã de mau humor, que batem com o tornozelo no pé da cama, que tropeçam na soleira da porta, que escorregam nos assoalhos lisos, que se esbarram na gente que passa, que não conseguem ler um jornal direito sem que o vento atrapalhe, que se esquecem da chave da porta da rua, que não encontram lugar no bonde, que nunca

tiram um prêmio menor da loteria.

Aquêle olhar simuladamente feroz de simples pato, aquela voz grasnada, não viu nem ouviu por aí, claro leitor?

Quantas vêzes?

Walt Disney é um humanizador das coisas e dos sêres. Êle sabe dar expressões e sentimentos humanos a uma árvore, a uma cadeira, a uma porta. Êle faz a pedra falar a linguagem dos homens. Compreende o amor das coisas, as suas tragédias,

as suas longas interrogações humanizadas.

Nas suas sinfonias coloridas não pinta o universo com as côres que tem, mas que deveriam ter. Êle dá uma atmosfera humana ao mundo. Humaniza o mundo.

Êle nos aproxima mais da natureza e a natureza mais de nós.

Nas suas fábulas complementa o que La Fontaine, Esopo e Florian nunca poderiam fazer.

Walt Disney é um Florian bem século vinte. Perdôe-me

leitor, mas a definição ainda não está completa. Walt Disney não é só isso porque é precisamente muito mais.

Permita-me uma viagenzinha através da pintura e através dos tempos.

Quando o homem começou a fugir dos espaços estreitos que a primitividade geográfica cingia aos horizontes próximos, como uma interpretação euclidiana do mundo, pôs-se a alargar os olhos através das lonjuras em busca da infinitude dos espaços. A evolução da mar-

cha humana pode-se mesmo definir nessa orientação para os longes.

Já o aspecto ecumênico, inaugurado com a vitória do cristianismo sôbre o mundo pagão, deu uma nova alma volvida para as lonjuras. Os limites estabelecidos pelo mundo e pelas coisas não impediam que os olhos fugissem à bitola dos sentidos em busca do infinito.

E a pintura não podia, naturalmente, escapar a essa lei.

Inaugura-se com o Renascimento uma visão mais ampla. É sôbre o ideal dessa visão mais larga que os sentidos podem oferecer, que gravita quase tôda a nossa evolução pictórica. Não que deixassem de existir aquêles que se prendiam ao ideal apolíneo das formas definidas, coisas separadas do espaço. Mas os nomes que brilharam durante os séculos quinze, dezesseis e dezessete, não "podiam" mais se prender à limitação dos contornos definidos.

A pintura a óleo, iniciada por Van Dyck, teve uma vida de grandes possibilidades por um século e meio. Em plena madurez do século dessessete os grandes nomes começam a escassear depois da morte de Franz Hals, Rembrandt, Velasquez, Murillo, Ruysdael, etc.

Após o desaparecimento dêsses grandes nomes, há um estancamento da pintura a óleo e a fresco. E tôdas as manifestações futuras, como o impressionismo inaugurado por Manet, são mais um mo-

vimento em busca de outras formas que a criação de um mundo novo, de uma nova veia de possibilidades.

A pintura estreitava-se entre duas dimensões. Que grandes nomes, fora das escolas de vida restringida, apareceram depois que pudessem empalidecer os do século desessete?

Walt Disney aparece nesse momento de estancamento. Não representa ainda uma definição, mas um vir-a-ser. Estabelece agora um ponto de partida.

Para mim: um novo veio.

Defino assim os estádios da pintura, dialèticamente:

Tese: Expressão artística humanizada do Cosmos. Ex. Realismo, naturalismo, etc.

Antítese: Expressão extra--humana do Cosmos. Ex.: Surrealismo, dadaísmo, ultraísmo, etc.

Síntese: Expressão artística extra-humana do Cosmos humanizado. Ex.: Walt Disney.

Walt Disney é para mim, não só a maior revelação do cinema, mas também uma

grande revelação do nosso século.

Eu vi em sua "Branca de Neve", em seu "Velho Moinho" não simples desenhos, mas uma nova afirmação da pintura.

Depois de um patamar de dois séculos e meio em que a pintura parara em sua linha ascendente e percorreu essa longa horizontal, Walt Disney abre um novo caminho para a arte da forma. É a pintura movimento. É a pintura música. É a pintura multidimensional.

Não é mais a linear esgotada dos grandes mestres como Velasquez, Rubens, Goya.

Walt Disney afirma uma esperança, digo estabelece uma certeza. E êle pode gritar ao mundo:

"Não, a pintura ainda não está esgotada! A arte ainda não morreu. Aí tendes a minha obra. Vamos, podeis rir das situações cômicas que descrevo, podeis admirar o colorido que derramo nas minhas cenas; podeis sentir a alma e a vida dos sêres aos quais dou vida e dou alma.

Mas olhai bem, olhai bem que a minha arte ainda encerra alguma coisa de maior. Alguma coisa que eu talvez não chegue mesmo a atingir; uma nova possibilidade para a pintura e para a arte. Outros poderão continuar a minha obra. Realizá-la mais alta e mais possante.

Olhai bem, que vereis muito mais do que os vossos sentidos vos permitem ver".

E Walt Disney poderia falar assim nesse estilo, nessa mesma linguagem, porque os gênios podem falar assim.

*

Composto e Impresso
na
Emprêsa Gráfica CARIOCA s.a.
à
Rua Brigadeiro Galvão, 225/235
em abril de 1959
São Paulo

*